



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CAMPUS BAGÉ

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

O AMOR EXIGE EXPRESSÃO: A HOMOAFETIVIDADE E GÊNERO EM *DUAS IGUAIS*

EMILI LEITE PERUZZO

BAGÉ

2015

EMILI LEITE PERUZZO

O AMOR EXIGE EXPRESSÃO: A HOMOAFETIVIDADE E GÊNERO EM DUAS IGUAIS

Ensaio apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas.

Orientador: Moacir Lopes de Camargos

BAGÉ

2015

EMILI LEITE PERUZZO

O AMOR EXIGE EXPRESSÃO: A HOMOAFETIVIDADE E GÊNERO EM DUAS IGUAIS

Ensaio apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas.

Área de concentração: Literatura

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 09 de Dezembro de 2015.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos

Orientador

Professor do Curso de Licenciatura em Letras – UNIPAMPA

Profa. Ms. Cássia Rodrigues Gonçalves

Doutoranda em Letras– UCPel

Profa. Ms. Ana Cláudia Porto

UFFS – Campus Cerro Largo

Dedico este trabalho a Priscila, minha
companheira de todas as horas e sem a qual
eu nunca teria conhecido o universo LGBTQ.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, ao meu orientador Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos, que muito me influenciou, ajudou, motivou e foi imprescindível para a finalização deste trabalho.

À minha mãe, meu pai e meu irmão, que sempre me alegraram e me deram forças para continuar mesmo quando eu cogitei desistir.

À minha namorada e esposa, que leu e releu minhas (mil) escritas prontamente todas as vezes que eu solicitei, mesmo que eu tivesse mudado apenas uma vírgula.

Aos meus amigos que ouviram minhas inconstâncias quando eu estava com medo e estressada.

Às minhas colegas e professoras, que influenciaram direta ou indiretamente a escolha e elaboração do meu tema.

À minha gatinha Cookie, que fez o favor de roer todos os livros da casa, menos os teóricos.

À UNIPAMPA, ao curso de Letras, e ao Espiritismo, nos quais eu entrei muito jovem e me ajudaram a me constituir como pessoa, como feminista, como leitora, e como muitas outras coisas, e sem os quais eu não seria o que sou hoje.

Não se pode escrever nada com indiferença.

Simone de Beauvoir

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise referente à obra *Duas Iguais*, de Cíntia Moscovich. Para atingir tal objetivo, utilizo de uma análise detalhada para apresentar algumas leituras possíveis, e perceber de forma crítica, como acontece a interpretações destas leituras. Para que as leituras possíveis fossem compreendidas pela leitora deste trabalho, foi feita uma contextualização em que são mostradas visões de gênero, performatividade, sexo, lesbianidade, homoafetividade, submissão, entre outros conceitos teóricos da área. As autoras que influenciaram estas visões foram, principalmente, Butler (2014), Swain (2004), Spivak (2010), Beauvoir (1948), Salih (2013), e algumas outras não menos importantes. É notado que, neste estudo, é possível ler o romance como metafórico, havendo muitas pistas que são percebidas com a leitura mais atenta e minuciosa. Estas metáforas estão relacionadas, em sua maioria, com a vivência da sexualidade da personagem principal, tanto real, no caso de Ana, quanto platonicamente, no caso de Natália e Vítor. Como consideração final, pode-se dizer que o livro aqui analisado, bem como este trabalho, são importantes no sentido em que a presença de obras com a temática do amor lésbico na literatura brasileira e na academia ainda são relativamente novas, da mesma maneira que trabalhos que analisem-nas. Nessa acepção, é importante que se dê a devida visibilidade à importância política e social da representação lésbica dentro da academia, tanto pelas autoras das obras quanto pelas autoras dos trabalhos.

Palavras Chave: Lesbianidade; Gênero; Identidade; *Duas Iguais*.

ABSTRACT

Love demands utterance: homoaffectivity and gender in *Duas Iguais*

The present work is an analysis of the novel *Duas Iguais*, from author Cíntia Moscovich. In order to reach such objective, a bibliographical research is made as to present some possible readings. In order that these attainable readings are understood by the reader of this work, we make a contextualization of general views of gender, performativity, sex, lesbianism, homoaffectivity, submission, among other topics. Some authors that influenced these views are, mainly, Butler (2014), Swain (2004), Spivak (2010), Beauvoir (1948) e Salih (2013). It is remarkable to perceive that, in this study, it is possible to read the novel as metaphorical, because there are many other aspects besides the plot, which are only perceived with a more attentive and meticulous reading. These metaphors are related, in their majority, with the experiences of the main character's sexuality — as real, in Ana's case, and as platonic, in Natália's and Vítor's case. In final consideration, it is possible to say that *Duas Iguais*, as well as this work, are both important in the sense that the presence of novels with the theme of lesbian love in the Brazilian literature, and in the academy, are relatively new. Likewise are the works that analyze them. In this sense, it is important to give the proper visibility to the political and social importance of lesbian representation inside the academy, both by novel writers and the scholars.

Key words: Lesbianism; Gender; Identity; *Duas Iguais*.

O AMOR EXIGE EXPRESSÃO: HOMOAFETIVIDADE E GÊNERO EM DUAS IGUAIS

Neste ensaio, busco compreender a representação da identidade de mulher lésbica na obra *Duas iguais*, da escritora gaúcha Cíntia Moscovich, a partir das discussões sobre homoafetividade e gênero. Este trabalho justifica-se pois, nele, busco suprir carências teóricas e bibliográficas que remanesceram durante meu curso de graduação. Para mim é muito importante desenvolver tal tema, tanto como pesquisadora quanto como pessoa: como pesquisadora pois, em minha trajetória acadêmica, apenas em uma disciplina optativa falou-se sobre gênero e feminismo, já de literatura de autoria feminina nem se fala na graduação, o que de certa forma coloca estes assuntos como secundários e até mesmo terciários nos estudos de licenciandos em letras; como pessoa, falar sobre gênero e sexualidade neste ensaio ajuda a entender tanto a sociedade que nos rodeia quanto a mim mesma, visto que justamente no final do ano que precederia a escolha do tema deste trabalho, eu, que até então considerava-me hétero, vim a me apaixonar e casar com uma mulher. Por isso, nos parágrafos que se seguem tentarei traçar a representação da identidade de mulher e de lésbica na obra.

Sobre a obra, é possível afirmar que as heroínas Ana e Clara se conheceram quando a primeira foi estudar em uma escola judaica de Porto Alegre da qual a segunda fazia parte. Ao se tornarem amigas próximas, se apaixonaram e viveram seu amor adolescente, até o momento em que seus pais e amigos começaram a julgá-las, fazendo com que se afastassem. Depois disso, Ana se mudou para o exterior e Clara ficou na capital, estudou jornalismo e começou a trabalhar, sem nunca mais sentir por ninguém o que havia sentido pela antiga namorada. Após a morte de seu pai, com quem era muito apegada, Clara passa a ter um papel mais central dentro de sua família (de origem judia) e casa-se com Vítor, jovem arquiteto por quem sente muito carinho e amizade, mas nunca amor. Em seu trabalho como jornalista conhece Natália, por quem se apaixona sem perceber, acabando por reprimir tal sentimento. Quando Ana retorna ao Brasil para uma visita, as moças têm um encontro marcante, e Clara trai Vítor com a antiga amada. Depois, separam-se novamente até o retorno de Ana para o Brasil, que, por estar gravemente doente, traz mudanças significativas à vida de Clara.

Antes de iniciar a análise do romance, faço algumas considerações. Há o mito de que um dos livros mais influentes na sociedade ocidental, a bíblia, antes de Eva, contava com uma mulher que se equiparava ao homem, Lilith, mas que não se sujeitava a ele. Por

não se sujeitar, ela foi banida do paraíso. A mulher que veio depois dela, Eva, foi concebida com um “pedaço” [sic] da costela do homem, sendo assim uma sombra de seu criador. Mesmo podendo ser considerada uma alegoria, essa história nos diz muito sobre a visão que esta sociedade tem da mulher. Existem papéis pré-determinados dentro dessa mesma sociedade e que, quando quebrados, ainda não são bem aceitos. Ao que parece, existem apenas dois lugares possíveis para a mulher: ou ela é Lilith, que por ser igual ao homem foi banida, virando “demoníaca”; ou ela é Eva, que mesmo imaculada e inferior ao homem é culpada pelo “pecado original”, o que resultou na expulsão dela e seu parceiro Adão do paraíso. Imaculada ou demoníaca, não há escapatória: o veredicto para todas as mulheres é a culpa.

De fato, o imaginário judaico-cristão que nos constitui, mostra suas marcas em todos os períodos da nossa história ocidental. E, ao longo dos séculos dessa história, as mulheres foram tratadas de maneira distinta da dos homens, visto que apenas eles eram considerados os detentores das possibilidades e as mulheres apenas um esboço de tudo aquilo que eles, “seres humanos ideais”, poderiam ser. Por este motivo, as mulheres eram, na maioria das vezes, classificadas como “animalescas”, não eram consideradas cidadãs e eram tratadas como incapazes de ter autonomia. Elas foram até mesmo colocadas no mesmo patamar de bens materiais, que neste caso se estendiam a crianças e escravos. Essa visão deixou marcas que ainda hoje podem ser notadas, portanto, as mulheres, assim como muitos outros indivíduos, ainda são consideradas *subalternas* em diversos países ocidentais, no sentido amplo da palavra.

O termo *subalterno* não diz respeito a todo e qualquer sujeito marginalizado, mas sim descreve “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, de representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK apud ALMEIDA in SPIVAK, 2010, p. 12). Nas palavras da pesquisadora brasileira Tânia Swain: “Ser mulher, de fato, confere a todos os atos e comportamentos o selo do feminino, logo, do inferior, do outro, do subsumido, do dominado por forças superiores. O feminino é diferente, logo desigual.” (SWAIN, 2004, p. 157).

Melhorar o conceito de linguagem.

Segundo a filósofa francesa Beauvoir (1948), “não se nasce mulher, torna-se mulher”, pois, segundo ela, ser mulher não é um fato biológico, mas sim um construto social.

Esta afirmação, segundo Butler (2014) permitiu por em cheque o conceito de ser mulher, já que

Se há algo de certo na afirmação de Beauvoir de que ninguém nasce e sim *torna-se* mulher decorre que *mulher* é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e re-significações (BUTLER, 2014, p. 58).

Tal visão possibilitou muitas mudanças sociais, visto que de acordo com Laqueur (2001, p. 242 apud MISKOLCI, 200 p. 3)

A esfera pública burguesa foi criada como domínio dos homens e esse privilégio se baseou em uma antropologia física da diferença sexual que manteve as mulheres na esfera privada, reféns do mito da maternidade e de sua inelutável diferença-inferioridade biológica.

Para a pesquisadora Spivak (2010) a mulher não tinha importância por não ter poder de consumo, não ter poder de capital. Essa relação com o feminino na sociedade ocidental mudou depois da industrialização (no século XIX) e após o início da discussão sobre a construção social de gênero (anos 70). Mesmo assim, a mulher ainda era vista como um “objeto de proteção de sua própria espécie” (SPIVAK, p. 98), visto que deveria ser “protegida” a todo custo. Protegida do próprio sujeito que a oprimia, ou seja, do homem.

Esse “homem” do qual as mulheres necessitavam proteção eram os que não eram seus familiares, ainda beneficiados dentro da sociedade patriarcal, que os considerava aqueles que eram o motivo de as mulheres existirem – servi-los e agradá-los [sic]. Sendo assim, se a mulher não era uma pessoa, ela era um objeto. Como um objeto, era classificada por sua utilidade, logo, seria possível concluir que as mulheres estavam sujeitas a toda e qualquer vontade dos homens, mesmo que essa vontade trouxesse malefícios às mesmas. Também, esse “homem” poderia contaminá-las com duas coisas “horríveis”: sexo e ideias. As duas coisas mais temidas que as mulheres (e conseqüentemente, podemos dizer, pessoas que eram oprimidas e subalternas) poderiam ter acesso.

Aos poucos, com o surgimento da teoria feminista e ao perceberem seu lugar como sujeito

o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição atual e difusa na qual a vida das mulheres era mal ou simplesmente não representada. (BUTLER, 2014, p. 18)

Tais evidências, a partir da linguagem, são importantes, porque “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes” (BUTLER, 2014, p. 18). O resultado disso, percebemos, é a criação e conseqüente ampliação do espaço feminino na sociedade como um todo, que mesmo a passos lentos, ainda é uma conquista. E a literatura, percebemos, pode ser e é usada como uma ferramenta muito importante para que o espaço feminino seja de fato obtido.

Por meio da linguagem podemos entender sobre a representação lésbica na obra *Duas Iguais*, porém, precisamos entender o que faz deste romance uma obra da literatura contemporânea, fora o fato de ter sido escrita em 1998. De acordo com Schollhammer (2011, p. 09) “o contemporâneo é o intempestivo. [...] é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo”. Para este autor, a literatura contemporânea reconhece e se compromete com um presente com o qual não coincide.

Somando-se a isso, Resende (2008) delimitou algumas características comuns dos romances contemporâneos, a saber: *fertilidade, qualidade e multiplicidade*. Segundo a autora, há uma enorme *fertilidade* de literatura nos dias de hoje, o que muitas vezes pode colocar em dúvida sua *qualidade*. Porém, segundo a autora “essa poderia ser uma contradição em relação à primeira, mas não é”. Em seguida, a pesquisadora adiciona que “nossos escritores parecem estar escrevendo tão rápido quanto bem.” (RESENDE, 2008, p. 17).

Ainda segundo a autora, a *multiplicidade* é uma consequência das duas primeiras, já que “se revela na linguagem, nos formatos, na relação que se busca com o leitor – eis aí algo realmente novo – no suporte que, na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação” (RESENDE, 2008, p. 18). Dentro da *multiplicidade*, há temas que se manifestam com maior frequência. Estes temas são: a *presentificação*, que se mostra na manifestação de uma urgência com a qual não se sabe lidar; o retorno do trágico, que mostra, não só na literatura, mas na vida em geral, que ao invés da catarse, há a crítica “que comove, mas não ilude” (RESENDE, 2008, p. 31).

E quando se pensa em contemporaneidade, não se pode deixar de pensar em toda a história compartilhada por uma geração. A esse respeito, Piglia (2011, p. 10) afirma: “Existe uma memória impessoal que define o sentido dos atos e cultura de massas é uma máquina de produzir lembranças e experiências” Schollhammer (2011, p. 13) completa esta ideia

quando diz que o escritor tem “urgência em se relacionar com a realidade histórica”. Essa relação com a realidade histórica se dá com a retratação do período da Ditadura no romance, que mesmo que de forma breve, mostra o quanto essa realidade ainda está presente no nosso cotidiano.

Pode-se dizer, então que o contemporâneo é aquele que partilha ideias, momentos e, principalmente, práticas dos ditos “dias de hoje”. Porém, segundo Agamben (Apud BORGES 2015, p. 282) “o contemporâneo é um conceito limiar, por refletir a temporalidade, e não o tempo cronológico, e por considerar o anacrônico, o passado e a vanguarda como constituintes de tal concepção”. Isso quer dizer que o contemporâneo é o anacrônico, pois “Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (AGAMBEN apud BORGES, 2015, p. 282). Então, “Ser contemporâneo é sentir-se anacrônico e, por essa razão, ter o distanciamento necessário para compreender e analisar o tempo presente.” (AGAMBEN apud BORGES, 2015, p. 282).

Nesse sentido, essa ausência de redenção se estende para a personagem, quando a moça percebe que perdeu um tempo precioso com Ana e sabe que esse tempo nunca poder ser recuperado, que esse tempo nunca vai voltar. Segundo Schollhammer “O futuro só adquire sentido por intermédio de uma ação capaz de lidar com a ausência de promessas redentoras ou libertadoras” (2009, p. 13). O futuro da personagem principal, Clara, somente adquiriu sentido na iminência da morte da amada.

Dentro de uma sociedade que sempre cerceou e controlou a mulher em todos os âmbitos, e sendo a literatura escrita por participantes dessa sociedade, ela não poderia ser diferente¹. Por diversos séculos, a representação das mulheres era baseada em uma visão masculinista. Elas eram representadas como a utopia do desejo masculino, ou seja, elas eram fracas, frágeis, lindas e, sobretudo heterossexuais. Um exemplo desse tipo de heroínas de romances brasileiros são Iracema, Pata da Gazela, e, posso dizer Gabriela Cravo e Canela, etc.

¹ Destaca-se, como um exemplo desse apagamento feminino, a poetisa grega Safo que teve grande parte de sua obra destruída, pois ela, segundo a moral e os costumes cristãos medievais, era considerada perversa. Grande parte de seus escritos foram queimados a pedido da igreja.

Essa visão objetificou por muito tempo o corpo feminino, visto que as mulheres não possuíam (e muitas vezes ainda não possuem) o status de pessoa, mas sim de coisa, e que até mesmo a linguagem com a qual as mulheres se expressam excluem-nas. Com relação às mulheres na literatura, por muito tempo houve muitas críticas. Por mais que os temas que elas escreviam fossem, inicialmente, menos variados que os escritos pelos homens, foram o primeiro passo em direção à emancipação da autoria feminina. Mesmo havendo críticas com relação ao conteúdo de suas obras, elas representaram um marco, pois, de acordo com Spivak (2010, p. 54), “os oprimidos, por meio da solidariedade e de uma política de alianças, podem falar e conhecer suas condições”.

Voltando à linguagem “masculina”, considerada universal e imparcial, é justo dizer que ela “submerge a identidade pessoal da mulher” já que nega a ela “os meios de expressar-se fortemente [...]” pois trata-a “como um objeto – sexual ou outro –, mas nunca como uma pessoa com posições individuais” (LAKOFF, 2010, p. 17). Essa visão masculina

Pode ser entendida a partir das relações de gênero estabelecidas socialmente, nas quais o papel destinado às mulheres está sempre à mercê da representação que os homens fazem delas. Tanto a imagem como a linguagem apontam uma tendência em tornar as mulheres objeto, seja objeto de desejo seja objeto de consumo (LESSA, 2005, p. 44).

Essa objetificação também parte do princípio de que todas as mulheres têm como preferência sexual e atração inatas por homens, chamada heterossexualidade compulsória. Essa “heterossexualidade é imposta, exigida, organizada, veiculada por todos os meios de comunicação e mantida pela força em relações materiais e simbólicas” (RICH 1981, p. 31 apud SWAIN, 2004, p. 157). Ou seja, quando se supõe que o “normal” da mulher é ser heterossexual, se está praticando a heterossexualidade compulsória.

Em decorrência dessa visão, fixou-se o termo heteronormatividade, que é a ideia de que todos os sujeitos, hétero ou homossexuais (entre outros), têm de organizar sua vida baseados no modelo heterossexual. Com isso, a heterossexualidade é vista como um modelo de vida, ideológico e político. Isto é,

Se na heterossexualidade compulsória todos os sujeitos que não são heterossexuais são considerados doentes e precisam ser explicados, estudados e problematizados, na heteronormatividade esses sujeitos tornam-se coerentes desde que se identifiquem com a heterossexualidade como modelo, isto é, mantenham a linearidade de gênero: os homens devem se comportar como machos, másculos. (NOGUEIRA, 2013, pagina)

Então, cabe às mulheres se identificarem como fêmeas, femininas. E esse modelo de vida abrange todos os aspectos: uma homossexual deve desejar se casar e ter filhos (adotivos ou não). E ainda é comum os casais homossexuais reproduzirem o estereótipo heteronormativo: um com traços femininos e o outro com traços masculinos.

Por isso, mulheres que não se encaixam no padrão são vistas como anormais e monstruosas, e a elas é relegado o papel de objetos de desejo. Por isso, segundo a leitura que Butler faz da pesquisadora Wittig, há um problema em dizer-se mulher, visto que

A “nomeação” do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato *performativo* institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual. Assim, conclui Wittig, “somos obrigados, em nossos corpos e em nossas mentes, a corresponder, traço por traço, à ideia de natureza que foi estabelecida para nós... ‘homens’ e ‘mulheres’ são categorias políticas, e não fatos naturais”. (WITTIG apud BUTLER, 2014, p. 168).

Essa visão, porém, pode ser considerada sob duas óticas: a positiva e a negativa. A positiva é que, definindo-se mulher - ou lésbica, é possível causar referência positiva. Ou seja, o uso dessas palavras significa a apropriação das mesmas, e, conseqüentemente a apropriação de uma identidade, que de outra maneira seria negada. Também é possível reivindicar direitos e agir de uma série de maneiras que não seria possível sem esta nomeação. A negativa, como dito no parágrafo anterior, mostra que tudo que pode ser nomeado pode ser delimitado, e nem sempre limites são bons. Limitar é perigoso e pode se tornar uma armadilha, pois é possível fechar-se dentro de uma identidade fixa, não dando espaço para mudanças. O ideal seria estar fora e dentro desta nomeação ao mesmo tempo, tirando o melhor da liberdade e do limite.

Voltando ao romance *Duas Iguais*, segundo Leal (2004, p. 173) “a narrativa, predominantemente em primeira pessoa, traz o conflito entre um amor imenso por Ana e a sua tentativa de adequação a sua tradição e meio social”. A protagonista, enquanto narradora da obra, escolhe o que vai ser dito, por isso a linguagem é muito importante na constituição de sua narrativa e de sua identidade.

As protagonistas da obra estão afastadas e Clara vive seus dias de maneira corriqueira, a não ser pelas enxaquecas que sente. Suas lembranças sempre retornam à Ana, que agora se refere a ela com “uma conotação sacralizada ou mesmo religiosa” (LEAL,

2004, p. 174). Clara não é religiosa e não regue a risca as tradições judaicas, então, pode-se afirmar que Ana promove um diálogo com a tradição judaica.

Em seu segundo encontro, na casa dos pais de Ana, Clara usa termos do sagrado para narrar os fatos: “Ao investir Ana de elementos religiosos, Clara começa uma interessante transgressão aos dogmas judaicos” (LEAL, 2004, p. 174). Clara compara dizer “as três palavras” com dizer o nome de Deus, que no Judaísmo não deve ser pronunciado.

Três as palavras, as palavras da adoração jorraram da tua boca. E, sem medir o depois, com esse som nos nervos, com o convencimento de que todo o tempo eu guardara as palavras só para ti, antes de transpor definitivamente o umbral da porta, eu as repeti. Repeti as três palavras. As três palavras que, como o nome de Deus, ninguém deve pronunciar (MOSCOVICH, 2004, p. 155).

Após esse encontro, marcado por muito amor e erotismo, Clara deixa Ana e volta para o casamento, se sentindo infeliz.

A maneira “sacralizada e religiosa” (LEAL, 2004, p. 174) com que Clara se refere a Ana pode ser vista como uma transferência de fé, já que Clara deixa de se identificar com uma religião que não reconhece sua sexualidade como legítima, transgredindo alguns dogmas judaicos. Após a morte do pai, Clara rompe com a religiosidade, como visto em: “Quis dizer o que se diz em tais momentos, *Shema Israel*, a síntese do credo, a reafirmação da unidade divina. Não pude. A fé não cabia em minha boca.” (MOSCOVICH, p. 62). Porém, essa ruptura dura somente até Clara se ver desesperada, como em

Na estante de livros havia aquela antiga imagem de uma santa, a pátina mais evidente por efeitos da luz fraca. Os braços, abertos, estavam à frente do corpo, as palmas das mãos voltadas para o alto num clamor evocativo. Os olhos, como de costume, eram ocos. E se aquela santa de olhos inexpressivos pudesse, de verdade, fazer um milagre? (MOSCOVICH, p. 229)

No trecho “Restava-me ter fé na Providência e arrepende-me, dia depois de dia, de ocultar meu passado, e principalmente meu presente, de Vítor.” (MOSCOVICH, p. 183), pode-se perceber, além de um apego à religiosidade, a percepção de Clara que o amor por Ana ainda faz parte do seu cotidiano, ainda é seu presente.

É impossível se propor a discutir gênero, lesbianidade e autoria feminina sem antes falar sobre feminismos. Segundo Meyer (apud LESSA, 2005, p. 35) “a dominação dos homens sobre as mulheres comporta uma análise sobre o poder e sobre a luta política pelo

poder”. Nesse sentido, pode-se definir algumas diferentes linhas teóricas passíveis de ser encontradas em grupos feministas. O Feminismo Liberal busca a igualdade através da busca melhores condições sociais e materiais, ou seja, na busca pelo poder; o Feminismo Radical parte do conceito de patriarcado para explicar a dominação masculina e como essa dominação se mostra através das inscrições corporais; já o Feminismo Marxista analisará como a dominação masculina se dá em diferentes contextos, e como as relações econômicas, de produção e a divisão do trabalho influenciam essa dominação; entre outras vertentes.

Ainda segundo Meyer (apud LESSA, 2005, p. 35), “o conceito de gênero surgiu nos estudos feministas dos anos 1970, enfatizando a construção social das diferenças dos sexos e contrapondo-se o determinismo biológico e econômico” presente nos estudos sobre a mulher. Para Haraway (apud LESSA, 2005, p. 36) “as diferentes lutas sociais e lugares em que discutem o movimento das mulheres implicam suas linguagens. Aqui, o sexo está ligado à identidade biológica e o gênero à construção social como sujeito”. Butler fala de sua leitura da colocação de Beauvoir de que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”:

Beauvoir, é claro, só queria sugerir que a categoria das mulheres é uma realização cultural variável, um conjunto de significados que são assumidos ou absorvidos dentro de um campo cultural, e que ninguém nasce com um gênero – o gênero é sempre adquirido. Por outro lado, Beauvoir desejava afirmar que a pessoa nasce com um sexo, como um sexo, sexuado, e que ser sexuado e ser humano são condições coextensivas e simultâneas; o sexo é um atributo analítico do humano; não há ser humano que não seja sexuado; como atributo necessário, o sexo qualifica o ser humano. Mas o sexo não causa o gênero; e o gênero não pode ser entendido como expressão ou reflexo do sexo; aliás, para Beauvoir, o sexo é imutavelmente um fato, mas o gênero é adquirido, e ao passo que o sexo não pode ser mudado – ou assim pensava ela -, o gênero é a construção cultural variável do sexo, uma miríade de possibilidades abertas de significados culturais ocasionadas pelo corpo sexuado (BUTLER, 2014, p. 163).

Porém, Butler também amplia a afirmação de Beauvoir, afirmando que sexo e gênero são, basicamente, a mesma coisa, visto que historicamente, as ciências (que eram masculinas) se utilizaram dessa distinção para validar as suas “descobertas científicas” que

comprovavam a inferioridade da inteligência feminina e a existência de “doenças” como a histeria².

Segundo Miskolci (2010, p. 6) a compreensão dos seres humanos em termos de gênero apresentava apenas duas opções, binárias, polarizadas e em oposição. Homem-mulher se tornou uma suposta base irrefutável como fonte binária de gênero. Essa polarização vai desde a manifestação do gênero quanto à manifestação da sexualidade, já que existe a polarização entre a heterossexualidade e a homossexualidade, não podendo haver nada em seu entremeio.

Indo contra esta polarização de gênero, Swain diz que “a existência lesbiana por si só é um desafio e uma ameaça ao contrato heterossexual e à apropriação social individual das mulheres, já que anuncia a rejeição de um modo de vida compulsório” (2004, p. 158). Porém, ainda são visíveis as convenções heterossexistas em contextos homossexuais, bem como sua proliferação. É o caso da *butch* e da *femme*, que representariam o papel masculino e feminino, respectivamente, nos relacionamentos lésbicos. Porém, o mais subversivo seria a relação entre duas *butches*, já que o esperado, por assim dizer, é que se atraíssem por mulheres mais femininas, reproduzindo a bipolaridade do desejo. (SWAIN, 2004, p. 160).

Além disso, há a pressão da sociedade patriarcal para que as lésbicas sejam mais femininas, talvez para mostrar que a lésbica não gosta de mulheres por falta de interesse masculino e também para satisfazer fetiches de homens que desejam “participar” do romance lésbico, presumindo que toda a lésbica seria, no fundo, bissexual ou que ainda não encontrou o homem certo. Segundo Facco (2004, p. 79), “no começo dos anos 90 a mídia nova-iorquina lançou o *light lesbian chic* para designar as *lipstick lesbians* – lésbicas de batom – uma maneira de tornar as lésbicas mais palatáveis ao gosto da sociedade heteropatriarcal”³, o que reforça esse padrão. Como a sociedade brasileira em muito se parece com a sociedade estadunidense pois ambas sofrem os impactos da dominação masculina, o mesmo se aplica para as lésbicas que vivem em nossa sociedade.

² Essa doença era considerada um mal feminino que supostamente era causada por sangue menstrual redirecionado para o cérebro.

³ Referência também à série *The L word* que trata justamente desta temática.

Com isso, pode-se dizer que quando Clara deixa Ana, mesmo tendo traído seu marido para ficar com ela, Clara faz uma escolha. Ela prefere deixar seu amor ir por medo de ser transgressora. Butler coloca que

Não ter o reconhecimento social como heterossexual efetivo é perder uma identidade social possível em troca de uma que é radicalmente menos sancionada. O “impensável” está assim plenamente dentro da cultura, mas é plenamente excluído da cultura *dominante*. (2014, p. 117).

Mas esse abandono não pode ser considerado uma fraqueza de Clara, já que segundo Wittig (apud BUTLER, 2014, p. 168) a “mentalidade *hétero*” oprime a todas as pessoas visto que elas “aceitam sem questionar que o que funda a sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade”. Segundo Butler (2014, p. 168), “essa heterossexualidade presumida, [...] age no interior do discurso para transmitir uma ameaça: ‘você-será-*hétero*-ou-não-será-nada””. Na obra *Duas iguais*, a personagem Clara tem medo de não ser nada para a sociedade, para sua família, para seus amigos e, principalmente, para si mesma. Esse talvez seja um dos motivos que a faz se apegar a Vítor.

Para Wittig (apud BUTLER, 2014, p. 41) “a lésbica’ emerge como terceiro gênero, prometendo transcender a restrição binária ao sexo, imposta pelo sistema da heterossexualidade compulsória”. Para confirmar esta afirmação, Swain diz que

A negação social da própria existência das lesbianas e, sobretudo, a rejeição, o preconceito contra as *butch*, as mulheres que não se assujeitam aos modelos do feminino, é um sinal positivo de subversão. Quem não incomoda, não existe (2004, p. 160).

E completa a autora: “os gêneros são tantos quanto as pessoas que os criam”, dizendo que a *femme*, a *butch*, entre outras, seriam variáveis de gênero e não de sexualidade. Essa crítica vai ao encontro da opinião de Butler quando esta afirma que a heterossexualidade compulsória ajuda a uniformizar as identidades de gênero. Essa prática restringiria os significados relativos de “heterossexualidade”, “homossexualidade” e “bissexualidade”, juntamente de seus lugares subversivos (2014, p. 57).

Na obra de Moscovich, a personagem Clara se ofende quando a perguntam quem é o homem da relação e pensa: “como assim? O que ela queria dizer com aquilo? Nenhuma de nós era o homem, nenhuma de nós, ela estava escutando direito? Nenhuma de nós. Repetia e repetia dentro de mim a sentença” (2004, p. 45). A sociedade, de uma maneira geral, tende a estabelecer papéis baseados na heterossexualidade para definir os

relacionamentos homossexuais e lésbicos, e “apesar de todos os esforços no sentido de se libertar dessa visão estereotipada, a dicotomia ativo/passivo permanece fixada com super bonder no imaginário social” (FACCO, 2004, p. 81).

É preciso entender que, “como prática situada ‘fora’ da matriz heterossexual, a homossexualidade é concebida como radicalmente não condicionada pelas normas heterossexuais.” (BUTLER, 2014, p. 175). Sendo assim, se pertencer ao gênero feminino é ser complementar ao homem, então a lésbica não pode ser tida como mulher. Butler parafraseando Wittig, observa que

Ao recusar a heterossexualidade, afirma Wittig, a lésbica para de se definir nos termos dessa relação de oposição. Na verdade, diz ela, a lésbica transcende a oposição binária entre homens e mulheres; a lésbica não é nem mulher nem homem. E, demais, a lésbica não tem sexo. Por meio da recusa lésbica dessas categorias, a lésbica denuncia a constituição cultural contingente dessas categorias e a pressuposição tácita mas permanente da matriz heterossexual (BUTLER, 2014, p. 164).

Porém, “as imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros [menino ou menina] ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto” (BUTLER, 2014, p. 162). Então, dentro dessa visão a lésbica é relegada à marginalidade.

Tal visão traz à tona o conceito de *performatividade*⁴, de Butler, o qual sugere que “mulher” é algo que ‘fazemos’ mais do que algo que ‘somos’. É importante frisar que Butler *não* está sugerindo que a identidade de gênero é uma *performance*, pois pressuporia a existência de um sujeito ou um ator que está *fazendo* tal *performance*.” (SALIH, 2013, p. 22). Essa construção “é um processo que não tem origem nem fim” (SALIH, 2013, p. 67), pois é “um ato, ou melhor, uma sequência de atos, um verbo em vez de um substantivo, um ‘fazer’ em vez de um ‘ser’” (SALIH, 2013, p. 89). Assim, pode-se dizer que “o gênero não acontece de uma vez por todas quando nascemos, mas é uma sequência de atos repetidos que se enrijece até adquirir a aparência de algo que esteve ali o tempo todo.” (SALIH, 2013, p. 94).

Segundo Costa (apud FACCO, 2004, p. 74) “aceitar a ideia de uma identidade homossexual seria apoiar a noção de que existe alguma diferença fundamental e essencial que faria de pessoas com determinadas características desejantes seres de alguma forma

⁴ Esse conceito Butler toma do linguista Austin, mais especificamente, do seu livro *How to do things with words*.

apartados do resto dos mortais”. Essa questão fica evidente quando Clara não entende o motivo de seu amor por Ana ser considerado uma exceção, como podemos observar no seguinte fragmento:

Olhava meu pai atrás dos jornais. Por que, pai? Por que éramos a exceção? Por que eu era duplamente a exceção? Não era isso a desgraça, meu pai? Lésbica. Me olhava no espelho e não enxergava a lésbica ali. Eu queria Aninha, eu não queria nenhuma outra mulher, me desesperava (MOSCOVICH, p. 47).

A protagonista não se aceita como lésbica, por isso nega sua paixão por Natália, uma personagem muito presente e marcante na vida de Clara. Natália faz a personagem principal ter muitos momentos de alegria, os quais ela já não experimentava com o marido: “Rimos as duas. E eu pensei que sempre gostara de ver Natália rir. Meu Deus, como eu gostava.” (MOSCOVICH, p. 186). Essa alegria faz com que Clara chegue a pensar em Natália em momentos íntimos, mas ao perceber que está se apaixonando pela amiga, nega o sentimento:

[...] de repente, as costas de uma mulher, os cabelos castanhos como uma vestitura de estrelas, um rastro doce de flores, temo que ela se volte, que me dê a conhecer o rosto que, no devaneio, ocupa o lugar dos outros dois [Vítor e Ana] que até ha pouco ali pairavam (MOSCOVICH, p. 123).

Ela não se permite sentir amor romântico por uma mulher, justificando essa negação com a promessa de que nunca mais se apaixonaria perdidamente por ninguém, como visto em:

Vi-a pelas costas, os anéis castanhos no ritmo dos passos, o corpo alto e ligeiramente inclinado pelo caminhar de graciosa lentidão. Quis interceptá-la, impedir ao menos uma perda em minha vida. Não consegui, não fiz nada. Talvez eu soubesse por que Natália se ia; não pude, mesmo assim, admitir as verdadeiras razões. Não de novo; nunca mais, eu me havia dito. (MOSCOVICH, p. 168)

Quando começa a aceitar mais naturalmente sua lesbianidade, aceita também a da amiga por quem nutria sentimentos, e por quem nunca declarou seu amor:

Natália era silenciosa. Avidamente silenciosa. Quem sabe por causa dessa notável discrição, nunca me tivessem ocorrido as perguntas que eu deveria – e que queria – ter feito. Acho que ela nunca me disse porque eu nunca perguntei; era isso. Só podia ser (MOSCOVICH, p. 187).

Ao abandonar o marido para ficar ao lado de Ana, Clara percebe que a identificação como lésbica é inevitável, já que,

[...] ser sexuado é estar submetido a um conjunto de regulações sociais, é ter a lei que norteia essas regulações situada como princípio formador do sexo, do gênero, dos prazeres e dos desejos, e como o princípio hermenêutico de autointerpretação. A categoria do sexo é, assim, inevitavelmente reguladora, e toda análise que a tome acriticamente como um pressuposto amplia e legitima ainda mais essa estratégia de regulação como regime de poder/conhecimento. (BUTLER, 2014, p. 143).

Então, ao submeter-se às normas sociais de lésbica, Clara significa, visto que, segundo Foucault (apud BUTLER, 2014, p. 137), “o corpo só ganha significado no discurso do contexto das relações de poder”.

Porém, é importante ressaltar que, pelo menos no que tange à sexualidade feminina, o uso de perspectiva foucaultiana tem suas críticas. Segundo Lessa (2005, p. 59), “Foucault tem sido citado em diferentes trabalhos sobre a sexualidade feminina, porém, tanto em sua história da sexualidade quanto em outros textos, fica visível que sua preocupação centrou-se na sexualidade masculina”. Essa afirmação faz com que se pense se realmente a sexualidade feminina é pensada por si só ou pensada como complementar e não análoga à do homem. Portanto, é necessário muito cuidado ao falar de sexualidade feminina utilizando Foucault.

Para Wittig (apud BUTLER, 2014, p. 164) a lésbica não é uma mulher. A mulher, “só existe como termo que estabiliza e consolida a relação binária e de oposição ao homem; e essa relação [...] é a heterossexualidade”. Quando Clara relembra que seu pai desejava ter um filho homem, ela assume para si o carma de dar a ele o filho que ela não poderia ser,

[...] logo minha mãe engravidava do sucessor na construtora – o primeiro filho seria um menino, Deus não ia recusar-lhe [ao pai] essa virtude. Nasceu-lhes uma menina. Ele, pasmo que a Providência lhe houvesse negado um varão, não se deu por achado: chamou a filha de Clara, homenageando uma misteriosa tia falecida. E decretou que a primogênita iria sucedê-lo na construtora. Melhor: casando-se na menina Clara, podia destinar ao genro uma participação na empresa. Por que não? (MOSCOVICH, p. 105).

Porém, depois de saber que seu irmão seguiria os passos do pai, se vê livre da obrigação. Por isso, ela não se sente mais na necessidade de ser a mulher perfeita e começa a se aceitar como lésbica.

Todas as experiências na vida de Clara, salientadas na obra, são atravessadas pelo medo. Este sentimento está tão presente na vida da personagem que ela passa a ter sintomas físicos a partir dele. Depois que seu pai morre, a personagem passa a sentir fortes dores de cabeça, que a acompanham ao longo dos anos. Tal problema, apesar de parecer apenas físico, pode ser interpretado, também, como uma metáfora. De certa maneira, essa dor pode estar interligada à “dor” social que Clara sente, visto que é a partir da morte do pai que ela passa a ser mais cobrada, já que passa a ter papel mais central em sua família.

É possível, da mesma forma, notar que ambas as personagens principais (Clara e Ana) sentem fortes dores na cabeça. Este fato traz à tona a relação entre a dor que passa a fazer parte do cotidiano das duas moças ao o mito dos gêmeos interligados⁵: duas pessoas tão iguais (o que nos remete também ao título) que podem sentir tudo o que a outra sente, desde sentimentos bons como o amor, até sentimentos ruins, e, nestes, destaca-se a dor física que pode ser entendida como a recusa do fato de serem tão iguais, sobretudo pelo amor que nutrem uma pela outra. Mas, este amor de iguais, elas sabem que é algo não considerado “normal” no meio social onde vivem.

E, devido ao preconceito que sofrem, Clara se casa com Vítor para fazer o que considera que o pai acharia certo: “Para mim, eu que me divorciara do mundo, a Humanidade assim próxima, assim sadia, assim limpa era a máxima redenção.” (MOSCOVICH, p. 129). A redenção que Clara menciona neste trecho pode ser vista como a redenção de seus “erros”: se apaixonar por uma mulher e/ou se afastar de sua religião. A protagonista ditou a sentença que ela própria deveria cumprir, foi sua algoz e a ré.

Justamente por Vítor ser o genro que o pai de Clara desejava para ela, casa-se com o rapaz, já que, segundo ela, ele era “Um bom rapaz, afetuoso, arquiteto aplicado, feliz com suas plantas baixas e régua-tê. Bons sentimentos, todos inocentes, é o máximo que ele me desperta, creio.” (MOSCOVICH, p. 118). A moça não sente fortes sentimentos pelo marido, ou pelo menos não os sentimentos que se espera que uma moça recém casada sinta. Ela está com Vítor pelo fato de ele trabalhar na empresa de seu pai e, mais de uma vez, os sentimentos interesseiros que ela pode ter por ele são descritos como “inocentes”.

A protagonista desejava se encaixar em um papel pré-determinado na sociedade, como pode-se notar quando narra o episódio do seu pedido de casamento “[...] talvez uma

⁵ Existe o mito, em nossa sociedade, de que os gêmeos, por serem iguais, tem uma percepção mais aguçada sobre o que o(a) outro(a) sente.

vontade de, enfim, destinar-me a alguém e, portanto, de caber naquela proposta” (MOSCOVICH, p. 129). Por isso ela mesma faz-se noiva:

A aliança entre os dedos. Uma onda súbita e inadvertida: como por instinto, como por pressa, como quem já não pode esperar, como por entusiasmo, colhi a jóia e, ato contínuo, repetindo o gesto tirânico, lutando contra os nós das falanges, fiz-me noiva eu mesma (MOSCOVICH, p. 130).

E, juntamente com essa visão de fazer a si mesma de noiva, podemos ter a leitura de que, ao fazer-se noiva a si mesma, a protagonista alude à sua igual, a imagem e semelhança de si, portanto, de certa maneira, ela mesma.

O rapaz, além de ser o marido que o pai de Clara desejava para ela, também compartilhava algumas características com o pai da personagem, pois ambos eram pacientes, tranquilos, senso de humor diferenciado:

Mas e o rapaz? Sim, claro, me interesse por Vítor, uma criatura mesmo esperta, de alguma ironia e sentido de humor; talvez um pouco diferente dos outros rapazes judeus que conheci. Mas é um interesse de caráter parcimonioso e contido, ameno e tranquilo; nada de balbúrdias e chagas e destruição; principalmente nada de reflexos (MOSCOVICH, p. 119).

E o fato de ela se permitir interessar-se por ele, e até casar-se, está relacionado com seus traços delicados, o que podemos comprovar pelo excerto seguinte:

E como, pelos céus, uma moça não quereria casar-se com Vítor? Tudo nele participava de uma natureza jovial e branda, que se dava a conhecer pela voz cheia, mesmo abaritonada, pela gesticulação parcimoniosa e pelos olhos de cor funda e sincera. [...] Um ágil sentido de humor completava essa figura de beleza quase feminil, revivendo em mim sentimentos prazenteiros que eu julgava já extintos (MOSCOVICH, p. 128).

É importante salientar, entretanto, que apesar de, no caso de Clara, a personagem só se identificar como lésbica a partir de um relacionamento amoroso/sexual com um homem, nem todas as lésbicas, necessariamente, passam por essa experiência. Porém, isso não quer dizer que a sexualidade daquelas que não passam por esta experiência seja duvidosa ou menos confiável. O fato de Clara ter se relacionado com um homem apenas mostra que, para ela, aquela relação fazia sentido naquele momento. Talvez seu casamento tenha lhe ajudado a perceber sua sexualidade de forma mais contundente.

Depois, ao deixar o marido e percebendo-se mais feliz, Clara começa aos poucos a aceitar sua sexualidade, primeiro, com a própria aceitação, quando imagina o pai sorrindo para sua atitude:

Antes de sair, deixei a aliança de casamento em cima da mesa de jantar. O rebrilho metálico trouxe-me a imagem do sorriso de meu pai. Pensei, de imediato, na minha mãe e nos meus irmãos, todos atrás do mais-que-perfeito. O meu, agora, estava desfeito. (MOSCOVICH, p. 206).

Se desfazer de sua aliança é um ato tanto literal quanto metafórico. Literal no sentido de que seu casamento havia, naquele momento, de fato acabado. E metafórico por ser o primeiro passo de Clara rumo à vivência de sua verdadeira sexualidade.

Pode-se perceber que, mesmo que o sacramento do matrimônio de Clara com Vítor tenha se desfeito, seu pai em suas lembranças sorri, pois ela sabe que seu pai, antes de desejá-la casada, desejava-a feliz. Clara também percebe que sua separação já não seria um ato vergonhoso na família, visto que não haveria desgosto maior para o pai do que a mãe casar-se com o tio. É necessário salientar que todas estas atitudes estão atreladas ao fato de Ana estar correndo risco de vida.

Depois, ao ir para a casa de Ana, percebeu que “Os pais de Ana também se constrangiam. Eles sabiam, sempre souberam de nós, as duas, decerto soubessem de meu marido. Agora, num ato extremo de amor, concediam. Que nobreza era aquela que as tragédias propiciavam?” (MOSCOVICH, p. 211). Após este acontecimento, ela passa a se aceitar efetivamente e vê que sua identidade está atrelada a sua sexualidade:

Relembrei os dias de meu exílio sem ti, reverti fim e início, manhã e noite, as horas para trás; dias tortos, incompletos, sem arremates, dias que não foram meus, a lembrança tornando-me uma visitante ocasional de minha própria história; eu feito uma assombração minha. Não me servia um só dia do passado e descartei-os porque não eram meus, porque não estavas; pensava que, tampouco adiante, não me serviriam as horas da vida sem o sacramento de tua existência (MOSCOVICH, p. 220).

Quando Ana retorna ao Brasil, já doente, e clama pela companhia de Clara, esta abandona o marido e parte em direção à amada. Elas aproveitam o dia que antecede a delicada cirurgia de Ana. Novamente, a narrativa enche-se de referências a termos religiosos, como que elevando Ana a outro nível, pelo menos na percepção de Clara, o que pode ser notado nos seguintes trechos: “[...] O beijo da bênção, pensei, e me senti redimida

dos males que te infligi ao longo dos anos.”, “[...] Morreria eu de tanta Graça.”, “[...] benziame tua saliva.” (MOSCOVICH, p. 221). Quando Ana não sobrevive à operação, vemos a relação entre termos do sagrado e a narrativa feita por Clara.

Na narrativa há uma relação perceptível entre o sagrado e o profano, entre o puro e o impuro. Segundo o pesquisador Giorgino Agamben “Profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um novo uso, a brincar com elas” (AGAMBEN apud BORGES, 2007 p. 75). Então, profanar, nesse sentido, não exclui, mas transforma e homenageia, pois ao se referir à amada (ser considerado impuro devido ao amor entre iguais) com as mesmas palavras com que fala sobre Deus (ser puro), Clara está valorizando-a, ou seja, tratando-a da forma mais respeitosa e venerada possível, está homenageando-a.

Para Clara, mais do que a perda do ser amado, a morte de Ana representa o término de sua crise existencial. A perda, assim como a vivência desse amor que não tinha espaço no mundo cotidiano, se transforma numa situação que deve ser continuamente narrada, para que sirva como exemplo, dando uma grande importância à linguagem. E essa perda/vivência do amor transforma a vida de Clara, que não vê mais o amor em comparação com Deus, como aquele que não deve ser nomeado. Ao contrário, “agora ela possui a única certeza que deve contar e recontar, e, acima de tudo, reverenciar a ideia de que o amor exige expressão, mesmo que transgrida a norma predominante” (LEAL, 2004, p. 175).

A personagem principal nunca se diz lésbica e vivenciou sua própria sexualidade. Porém, essas vivências tiveram consequências com as quais ela teve de lidar e, também, pelas quais ela teve de se redimir. Com isso, lembramos das muitas vezes, tanto na história quanto na própria literatura, das mulheres que transgrediram as normas sociais de determinada época ou grupo, e que tiveram de pagar por isso. Clara e Ana precisam acertar as contas com a sociedade, precisam se redimir. O acerto de contas final de Ana é morrer, e o de Clara, perdê-la.

Palavras finais

É interessante considerar, em conclusão, a importância do livro para as gerações vindouras, visto que há apenas poucos anos que este tipo de literatura está acessível à população. É importante haver representatividade lésbica – e de outras subalternas, claro – na literatura nacional, para que leitoras e leitores se identifiquem com as obras. Há, com

isso, espaço para discutir a obra na academia, o que antes não havia, pois obras com tal temática eram considerados baixa literatura, indigna de ser lida pelos e pelas acadêmic@s.

Este livro trata da vida de uma mulher e do amor, não como o condenável amor entre duas mulheres, mas sim do amor como um sentimento entre pessoas. A obra pode e deve ser lida por estudantes e professor@s, visto que, na maioria das vezes, não há espaço para discussões como as feitas neste trabalho dentro da grade curricular, que ainda hoje permanece fechada, como o próprio nome sugere. Para as docentes e/ou futuras docentes é imprescindível entender e respeitar a diversidade, visto que provavelmente teremos de lidar com muitas situações distintas em nossa profissão. Também, é a leitura desta obra é um processo relevante enquanto formação pessoal, pois todas as pessoas são genericadas e podem se deparar com situações semelhantes durante a vida.

Fechamos o ensaio de maneira provisória, visto que outras compreensões da obra *Duas iguais – diferentes destas que trago* – são possíveis e prováveis, pois virão sempre novos olhares com diferentes horizontes de possibilidades, de mudanças e atualizações. Mas o mais importante é que a obra permanecerá no tempo e isso justifica o grande valor da literatura, ou seja, ainda que ela seja ficção, nos oferece oportunidades para pensar o social e o humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Posição do narrador no romance contemporâneo**. In: Notas de Literatura I. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2003. p. 55-63.

BORGES, Fernanda. **A meninice mentida e o futuro profanado: as narrativas de Valêncio Xavier**. Estud. Lit. Bras. Contemp. no.45 Brasília Jan./June 2015

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. de Renato Aguiar. 7ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

DALCASTAGNÉ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, pp.13-71.

FACCO, Lúcia. **As heroínas saem do armário: literatura lésbica contemporânea**. São Paulo: GLS, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 15 ed. Trad. de Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 10 ed. Trad. de Maria Thereza C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

LAKOFF, Robin [et al.]. **Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos**. Organização e tradução Ana Cristina Ostermann, Beatriz Fontana. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. **Amores, distâncias e perdas na obra de Cíntia Moscovich**. In LOPES, Denilson. Imagem & diversidade sexual - estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa edições, 2004. P 173-178.

LESSA, Patrícia. **Mulheres à venda: uma leitura do discurso publicitário nos outdoors**. Londrina: Eduel, 2005.

MISKOLCI, Richard. **Corpo, Identidade e Política**. In XII Congresso Brasileiro de Sociologia. Anais. Porto Alegre, 2010.

MOSCOVICH, Cíntia. **Duas iguais: manual de amores e equívocos assemelhados**. Porto Alegre: Record, 2004).

MOTT, Luiz. **O lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NOGUEIRA, Gilmaro. **Qual a diferença entre homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade?**. 2013. Disponível em:
<<http://www.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2013/03/18/qual-a-diferenca-entre-homofobia-heterossexualidade-compulsoria-e-heteronormatividade/>> Acesso em: 28/11/2015.

PIGLIA, Ricardo. **Ficção e teoria: O escritor enquanto crítico**. Florianópolis: Travessia, 1996. p. 47-59.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**. Expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Biblioteca Nacional, 2008. p. 15-40.

SALIH, Sara. **Judih Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. 1. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 9-19.

SWAIN, Tânia Navarro. **O normal e o “abjeto”**: a heterossexualidade compulsória e o destino biológico das mulheres. In LOPES, Denilson. Imagem & diversidade sexual - estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa edições, 2004. P 155-161.